

Introdução

Este livro é o resultado de uma pesquisa etnográfica realizada entre 2018 e 2024, em Belo Horizonte, que abordou o surgimento do Bharbixas e do ManoTauros, os dois primeiros times de futebol LGBTQIAPN+ da cidade. Equipes assim referenciadas são compostas única ou majoritariamente por pessoas LGBTQIAPN+³, podendo contar com representantes de apenas uma ou de múltiplas identidades relacionadas a essa sigla. Na prática, porém, a maioria desses times é composta privilegiadamente por homens gays. A questão principal que vamos tentar responder nas próximas páginas é como a manifestação de gênero e a reflexividade dos jogadores desses dois times se relacionam com o surgimento do cenário do futebol LGBTQIAPN+ belo-horizontino.

Para isso, abordaremos o surgimento dessas equipes a partir da construção relacional de suas identidades, em torno das manifestações de gênero dos jogadores e em meio a um esforço reflexivo deles próprios para definir esse quadro interacional. O Bharbixas, que é o primeiro time de futebol LGBTQIAPN+ de Minas Gerais, foi criado em 2017. Poucos meses após a sua criação, alguns membros

3 Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais, Travestis, *Queers*, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binárias e outras minorias relacionadas a identidade de gênero ou orientação sexual.

desse time se desligaram dele para criar o ManoTauros. Daí surgiu a primeira rivalidade do futebol LGBTQIAPN+ mineiro. A questão da manifestação de gênero desses sujeitos esteve colocada desde o começo como pano de fundo do conflito estabelecido entre eles. O BhARBixas é um time que se autorreconhecia como afeminado. O ManoTauros, por sua vez, buscava imprimir masculinidade. Por outro lado, desde o início da pesquisa, os jogadores interlocutores demonstravam ter uma consciência destacada sobre esse e diversos outros processos relacionados aos times. Nesse cenário, surgiu a hipótese de que tanto a manifestação de gênero quanto a reflexividade seriam elementos importantes para o estabelecimento do futebol LGBTQIAPN+ na capital mineira.

O trabalho de campo desenvolvido contempla entrevistas, realizadas em profundidade, com sete integrantes e ex-integrantes dos dois times. Simbolicamente, tratou-se de construir com eles uma “equipe” de *fut7*. Essa é a formação adotada oficialmente nos campeonatos de times LGBTQIAPN+. Nela, sete jogadores se enfrentam de cada lado, geralmente em quadras de grama sintética. Além disso, foram feitas observações participantes em peladas, treinos e eventos promovidos pelos dois times, como o aniversário de um ano do BhARBixas, comemorado no Estádio Mineirão, e a 5ª edição do Champions LiGay, campeonato nacional de times LGBTQIAPN+, sediada em Belo Horizonte. Também foi utilizada, de forma complementar, a etnografia de tela (Carmen Rial, 1995) para colher dados no *Instagram* e no *Facebook*. Durante o 5º Champions LiGay, foi produzido um material complementar com entrevistas de representantes

das demais equipes que estavam presentes na competição. Todos os nomes atribuídos aos membros dos times nesta pesquisa são fictícios.

Quando eu era pequeno, uma máxima que eu escutava frequentemente era: “existem três coisas sobre as quais não se discute: futebol, política e religião”. Em 2018, quando escolhi desenvolver a minha pesquisa de doutoramento sobre o futebol LGBTQIAPN+ (na época, chamado de “futebol gay”), não encontrei nenhum trabalho realizado no Brasil sobre o tema – apesar de o primeiro “time gay” ter sido fundado em 1990, 28 anos antes. O futebol LGBTQIAPN+ era algo invisível, sobre o qual, de fato, não se discutia. O que chamou a minha atenção para esse objeto foi a criação dos dois primeiros times mineiros, o Bharbixas e o ManoTauros, em 2017. Nesse ano, ocorreu também o primeiro campeonato nacional de times LGBTQIAPN+, e as equipes finalmente “saíram do armário”.

Mas em que categoria o futebol LGBTQIAPN+ se encaixa? Arlei Damo (2007) afirma que não existe apenas um futebol, mas sim “futebóis”, no plural. Aqueles praticado por mulheres e por pessoas LGBTQIAPN+ estão colocados à margem do praticado por homens cisgêneros heterossexuais, especialmente em relação ao futebol espetáculo dos grandes times profissionais. Os futebóis marginalizados trazem outras relações com esse esporte e estruturam-se a partir de circuitos distintos, demandando ser mais conhecidos, respeitados e valorizados. No entanto, entre os próprios sujeitos LGBTQIAPN+, têm surgido diversas manifestações e propostas diferentes para a sua prática. Como veremos a seguir, os times carregam interseccionalidades de classe, raça e manifestação de gênero que trazem diferentes dinâmicas para eles.

A Figura 1 traz os nomes pelos quais os jogadores entrevistados serão referenciados neste livro. No ataque desse time simbolicamente construído estão fundadores do Bharbixas, do ManoTauros e do Inconfidentes Pride – equipe formada a partir de uma segunda cisão no Bharbixas. Como goleiro, está um jogador que esteve presente no surgimento de todas essas equipes. Os demais entrevistados estão jogando na defesa de seus respectivos clubes. Os números das camisas se referem à ordem em que esses jogadores foram entrevistados. A entrada do Inconfidentes Pride nesse arranjo, apesar de ele não ser uma das equipes estudadas, deve-se ao fato de que parte dos jogadores entrevistados havia se transferido para esse time após a sua fundação. A seguir, apresento uma breve descrição dos entrevistados, indicando em que ano ocorreu cada entrevista.

Figura 1 – Time de futebol convocado para esta pesquisa



Fonte: elaborado pelo autor

Descrição: A imagem traz um campo de futebol com sete camisas dispostas sobre ele como se fosse a representação de um esquema tático de *fut7*. No

caso, o 1-3-3 (1 jogador no gol, 3 na defesa e 3 no ataque). Cada camisa tem um nome e um número, simulando a escalação de um time para um jogo. No gol, Eduardo (nº 7); na defesa: Roberto (nº 3), Cláudio (nº 6) e Pedro (nº 1); no ataque, Lúcio (nº 5), Ângelo (nº 2) e Daniel (nº 4). As camisas têm uma aparência que simula a de um uniforme. Elas têm as cores da bandeira LGBTQIAPN+ no dorso (vermelho, laranja, amarelo, verde, azul e roxo), dispostas em listras diagonais inclinadas para a direita. No braço esquerdo, as cores da bandeira trans (azul claro, rosa e branco), dispostas em listras horizontais. No braço direito, cores representando a diversidade racial (preto e marrom), também dispostas em listras horizontais.

Entrevistados em 2018:

1. *Pedro* era membro do Bharbixas. Tem formação em Publicidade e Propaganda e trabalhava nesse setor. Apresenta fenótipo branco e tinha 24 anos de idade.

2. *Ângelo* havia integrado o Bharbixas e, posteriormente, foi um dos fundadores do ManoTauros. Com formação em Sistemas de Informação, atuava nesse setor e estudava História. Tem fenótipo negro e tinha 38 anos de idade.

3. *Roberto* atuava pelos Bharbixas, mas só participava do time quando vinha ao Brasil, pois estava residindo na Itália, onde também participava de outro time. Formado em Engenharia da Computação, trabalhava nesse setor. Possui fenótipo branco e tinha 29 anos de idade.

Entrevistados em 2023:

4. *Daniel* havia jogado pelos Bharbixas, posteriormente foi fundador e presidente do Inconfidentes Pride e, na época, era membro

de um time de Portugal, onde residia. Tem formação em Ciências Contábeis e trabalhava como gestor financeiro. De fenótipo branco, tinha 36 anos de idade.

5. *Lúcio* foi o fundador e era presidente do Bharbixas. Com formação em Engenharia de Produção, atuava como programador. Tem fenótipo branco e tinha 30 anos de idade.

6. *Cláudio* era presidente do ManoTauros. Possui formação em Ciências Contábeis e trabalhava no setor. Tem fenótipo negro e contava com 44 anos.

7. *Eduardo* havia sido membro e técnico do Bharbixas, posteriormente foi um dos fundadores e presidente do ManoTauros e, no momento da entrevista, integrava o Inconfidentes Pride. Formado em Educação Física, trabalhava como personal trainer. Tem fenótipo branco e tinha 38 anos.

Voltei a entrevistar Ângelo em 2023 para atualizar as informações que ele havia me dado em 2018. Nesse momento, ele não estava mais jogando em nenhum time LGBTQIAPN+. Como é possível perceber pelas formações e profissões dos entrevistados, todos eles são de classe média e têm curso superior. A maioria tem fenótipo branco. As idades variavam entre 24 e 44 anos, com média de 34 anos. O critério de seleção para essa escalação foi o de indicação. Entrevistei os jogadores que iam sendo apontados como aqueles que poderiam contribuir de forma mais relevante para a pesquisa pelos membros ou ex-membros dos times com quem eu entrava em contato. Ao longo deste texto, irei me referir a cada

entrevistado a partir do nome que lhe foi atribuído no trabalho, seguido da sua equipe e do ano da entrevista. No caso de entrevistados que não eram mais membros do Bharbixas ou do ManoTauros, indicarei que são ex-participantes da última dessas equipes da qual fizeram parte. Dessa forma, as referências serão:

- Pedro (Bharbixas, 2018)
- Ângelo (ManoTauros, 2018)
- Roberto (Bharbixas, 2018)
- Daniel (ex-Bharbixas, 2023)
- Lúcio (Bharbixas, 2023)
- Cláudio (ManoTauros, 2023)
- Eduardo (ex-ManoTauros, 2023)
- Ângelo (ex-ManoTauros, 2023)

Antes de iniciar os capítulos, gostaria de apontar algumas escolhas realizadas para a redação deste texto. A primeira é que sujeitos indeterminados ou plurais sem determinação de gênero serão referenciados por três marcações: feminina, masculina e neutra. O objetivo é não usar o masculino como universal e dar reconhecimento à não-binariedade de gênero – que é a forma pela qual estou me reconhecendo. Para quem não tem familiaridade com a linguagem neutra, há uma breve explicação sobre ela no Apêndice A, ao final do livro. A segunda questão é que darei preferência a apresentar as autoras, autores e autoras no texto pelo nome e sobrenome. Isso tem o intuito de dar visibilidade ao gênero delas, deles e delas. Pelo mes-

mo motivo, quando o texto tiver autoria de mais de três pessoas, irei apresentar o nome e sobrenome de todas as autoras, autores e autoras, na primeira vez em que forem referenciadas. Acredito que esses esforços importem para que a leitora, leitor ou leitora possa identificar o gênero da pessoa que escreveu o texto referenciado, quando julgar relevante. Outro recurso que achei importante incluir são as descrições das imagens para possibilitar a leitura de pessoas com deficiência visual. Por fim, gostaria de pontuar que as falas dos interlocutores foram reproduzidas de forma a manter sua coloquialidade. Portanto, não foram feitas adaptações para adequá-las às normas formais da língua padrão. Essa escolha foi realizada para respeitar as variações linguísticas acionadas pelos sujeitos ao se expressarem durante as entrevistas.